

Roubo de material para as cirurgias

Ao tomar conhecimento da denúncia publicada ontem pelo CORREIO BRAZILIENSE, de que a falta de roupas cirúrgicas e anestésias está impedindo realização de cirurgias no Hospital Regional de Taguatinga (HRT), o secretário de Saúde, Milton Menezes, mostrou-se surpreso e informou que, nos últimos três meses, foram compradas 2 mil 486 peças só para o centro cirúrgico, além de 670 para os servidores de ambulatório e centros de saúde ligados à regional. "Tudo leva a crer que os furtos continuam", comentou.

Em entrevista coletiva, Milton Menezes disse estar preocupado com o quadro atual e revelou que solicitou ontem mesmo ao secretário de Segurança Pública, Manoel Brochado, reforço policial e maior agressividade nas investigações, a cargo da Polícia Civil. Três meses após a abertura de auditorias nos almoxarifados e farmácias da Fundação Hospitalar, com a presença de policiais civis em todas as unidades, não foi resolvido o problema de desvio de material de consumo.

VASCULHAMENTO

O secretário de Saúde determinou o vasculhamento no HRT, realizado por quatro técnicos da Fundação, para apurar a falta de lençóis, panos cirúrgicos e roupas para médicos. Ele acredita em furtos, já que os tecidos têm vida útil média de um ano. Esclareceu, no entanto, que esse material não é de consumo, o que não justifica a falta de roupas em tão pouco tempo, depois do suprimento dos hospitais através do SOS Saúde, deflagrado este ano. O relatório da equipe responsável pela apuração dos fatos em Taguatinga poderá estar pronto hoje.

No encontro com Brochado, Mil-

ton Menezes ouviu do secretário de Segurança Pública que por enquanto não há necessidade de pedir apoio à Polícia Federal. O secretário de Saúde não descartou a hipótese de existir uma quadrilha que vem furtando, em grande parte das unidades, especialmente na Farmácia Central, Almoxarifado Central, Hospital Regional do Gama e Hospital Regional da Asa Norte, materiais que podem ser revendidos rapidamente no comércio, como seringas descartáveis, gazes e esparadrapos.

Para o diretor da Polícia Civil, Evaldo Carneiro, não há movimento organizado. "Isso é coisa de trabalhadores humildes", comentou. Ele confirmou que dois funcionários do HRG foram indiciados. Já Milton Menezes revelou que, de março até agora, houve e exoneração de quatro servidores em cargos de confiança e dez com lotação normal estão incluídos em processo administrativo. Manoel Brochado disse que deverá estudar a possibilidade de colocar policiamento militar extensivo nas unidades.

O problema de desvio de material de consumo foi detectado no final de março passado, quando a Secretaria de Saúde resolveu remodelar o sistema de controle. "Percebemos que o número de produtos que saíam não fechava com o de pacientes atendidos", conta ele. "O consumo médio mensal estava furado, sem corresponder à realidade. Gastávamos até quatro vezes mais do que com o que usávamos para os pacientes".

Num sábado de junho último, Milton e alguns assessores foram ao HRAN e constataram que, naquele dia, havia sido gasto o triplo de seringas que teriam que ser usadas em pacientes atendidos. Na época, fazia dois meses da instalação de auditorias permanentes. A

situação chegou a tal ponto que, ao descobrir o desvio, os estoques de material de consumo da Fundação já estavam praticamente zerados. "Gastamos os NCz\$ 20 milhões, que era todo o orçamento anual do órgão", revelou o secretário.

VIGILÂNCIA

Ressaltando que a Fundação precisará de pelo menos NCz\$ 80 milhões para que os hospitais e centros de saúde disponham de produtos — principalmente de primeiros socorros — para atender à comunidade, o secretário de Saúde acrescentou que pretende discutir com a equipe da Secretaria de Segurança Pública a melhor forma de descobrir se existe alguma responsabilidade das empresas de Vigilância, contratadas pela Fundação Hospitalar. Segundo ele, embora a maior suspeita recaia sobre funcionários, não se pode descartar eventuais visitas de parentes e amigos de pacientes internados, que acarretam em desvio.

Sumiço de material no transporte da Farmácia Central aos centros de saúde também ocorre, comprovadamente, de acordo com Milton Menezes. Foram encontrados, em várias farmácias particulares da cidade e até em Santo Antônio do Descoberto, na região do Entorno, lotes de seringas da Fundação. Certa vez, ao ouvir a reclamação de servidores do Hospital de Base de que não havia éter e fio cirúrgico, "estranhei, porque tinha comprado esses produtos há pouco tempo", completou.

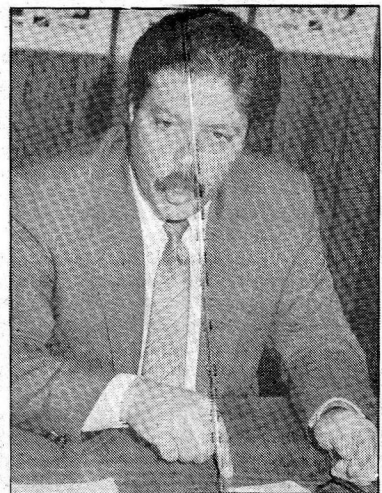
Em abril, foram adquiridos 2 milhões de seringas, quantidade que daria para oito meses. Em 60 dias, o estoque tinha acabado. Milton Menezes não tem informações sobre o furto de mais de 5 mil desses produtos, num final de semana de março da Farmácia Central.

Sumiço aconteceu num trimestre

Se comprovada a denúncia em relação ao HRT, reforçada pela suspeita de desvio do secretário de Saúde, em menos de três meses desapareceram daquela unidade centenas de lençóis, roupas cirúrgicas e botas. Eis a aquisição desses materiais de abril até quarta-feira passada:

PRODUTOS	QUANTIDADE
Lençóis para adultos	535
Campos* simples de cretone azul de todos os tamanhos	513
Campos duplos de algodão cru de todos os tamanhos	1.136
Campos fenestrados azuis	177
Conjunto para médico cretone azul	80
Pares de botas	500
Lençóis de berço de flanela	80
Cortinas especiais	30 metros
Lençóis de solteiro	20

* tecidos para cirurgias.



Secretário suspeita de roubo